

Trocas sobre o artigo¹

“Armarinho da Rua 7: pensamentos minimalistas, diretamente da clínica, fazemos trocas”²
de Avelino Ferreira Machado Neto

Antoine Thibaut,³ Brasília

O título *Armarinho da rua 7* chama atenção. Do que se trata aqui? Esse título evoca mais um conto, uma crônica talvez, ou até uma poesia – por que não? – do que um artigo de psicanálise. O armarinho se refere a um lugar familiar da infância de Avelino (ou talvez seja melhor falar aqui do narrador). Só descobrimos a chave no último parágrafo, quando ele descreve, de maneira meta textual, como surgiu o título do artigo. Na primeira parte do título a palavra “coisa” – presente no texto “De algumas coisas que tenho depreendido de minha prática psicanalítica e de uma passagem de sua pré-história” (Machado Neto, 2008) – evocou-me um armarinho, loja na qual se encontra todo tipo de “coisas”. A escrita da lembrança que surge abre a possibilidade de um deslizamento da teoria para a poesia, que termina o artigo, mas que também parece abri-lo em busca de uma história/troca.

Poderíamos nos questionar sobre o surgimento de um trecho narrativo no final de densas considerações teórico-práticas. Seria o playground do autor após a tensão exigida pela escrita teórica? Ou será que esse trecho representa a manifestação dessa ideia desenvolvida no artigo, segundo a qual o passado não passa? O relembrar não resgata; é criar. E criar é desdobrar o presente. Pode-se tratar também da simples licença poética? Escreveu porque quer, porque pode...

1 Texto apresentado no primeiro encontro “Autor presente”, organizado pela AMIP (Associação dos Membros do Instituto de Psicanálise) e pelas diretorias Científica e de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SBPSB).

2 Artigo publicado na revista *Alter*, 36(1/2), 73-90, (2019/2020).

3 Membro do Instituto Virgínia Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SBPSB). Mestre em psicopatologia clínica e psicossociologia clínica pela Université de Lausanne, Suíça.

Pouco importa qual é a função desse trecho. Estou agora provavelmente caindo na armadilha do analista querendo interpretar. Mas vale mencionar, para nosso desenvolvimento, que essa descrição de uma cena de infância é escrita usando representações de memórias sensorio-emocionais.

Na segunda parte do título: “Pensamentos minimalistas, diretamente da clínica” tudo é dito... Já na terceira, “Fazemos trocas”, parece performática, no sentido de que o texto saiu da revista para ser conversado e estimular as trocas entre colegas.

Todos os subtítulos se referem a elementos que poderíamos atribuir a uma casa psíquica. *O chão de cimento queimado* se refere à base sobre a qual pode se erigir *o pequeno porão* sob a escada (que evoca a função de continente). *As gavetas e prateleiras para o velho balcão* também lembram o continente; enquanto *os botões variados e quiabos fritos* pertencem ao registro sensorial, ao passado que não passa, atualizando-se na escrita. Quando a casa está seguramente construída (com base e continente) é possível dar nomes e formas às sensações.

Os elementos da casa constituem a arquitetura do texto. É como se autor tivesse construído sua própria casa para se abrigar, na sua vulnerabilidade, e poder falar de si mesmo. Aqui se manifesta a dialética entre continente e conteúdo. Os pensamentos precisam de um “continente” para serem pensados. O texto é um continente e, ao mesmo tempo, um conteúdo.

Destaco, a seguir, três eixos que atravessam esse trabalho de Machado Neto.

1. A humildade como qualidade necessária ao psicanalisar

Um chão – e este não é feito de cimento queimado – de *húmus* deu seu nome à *humildade*. Presente em filigrana ao longo do texto, a humildade pode ser vista como uma atitude que consiste em conhecer as suas próprias limitações e fraquezas e agir de acordo com essa consciência. Essa definição não é psicanalítica, ela provém do dicionário. *Limitações, agir, consciência*: essas palavras abrem caminhos para a

reflexão psicanalítica. A humildade, poderíamos dizer, é um horizonte em direção do qual sempre devemos nos aproximar enquanto psicanalistas, mas como todo horizonte, inalcançável. Um dos maiores contrapontos à humildade, na nossa prática, é o suposto saber do analista. Suposto saber que precisa existir na fantasia do analisando, mas que constitui um obstáculo à análise por parte do analista. Obstáculo com o qual o analista não pode deixar de combater.

No artigo, a questão da humildade aparece em várias escalas. Primeiramente, é a psicanálise como prática, independente de quem a pratica, que se vê destituída da pretensão a uma superioridade sobre a psicoterapia: os efeitos da psicanálise não necessariamente têm efeitos duradouros. O autor explica que

os efeitos psicoterápicos de uma psicanálise não são, em princípio, superiores aos de uma psicoterapia derivada da cognição psicanalítica O fato de que os efeitos de uma psicanálise possam ser mais duradouros não pode servir de argumento para se dizer que a psicanálise deva ocupar um status de maior importância do que outra técnica em questão. (p. 74)

Do ponto de vista da representação do analisando na mente do analista, o autor nos lembra que “o psicanalista experimenta sensações e sentimentos influenciados pela presença do analisando e este existe para ele segundo tais influências” (p. 75). De certo modo, o analisando só existe na mente do analista *em função da experiência do encontro na sessão*. Não há transparência nas relações entre seres humanos, cada um tem uma espessura. Somos seres encarnados, percebendo e percebidos: a percepção é o ato pelo qual a consciência apreende o objeto, utilizando as sensações como instrumento (Merleau-Ponty, 1945/1994).

Um outro desdobramento da humildade é relacionado à praxis da psicanálise. O analista deve favorecer a conversação em vez da interpretação. Para tal objetivo, que parece tão simples, mas que requer uma longa e sólida experiência do divã (para não se apegar a uma postura, a uma pose) é necessário que o analista identifique suas próprias fantasias. Quando percebe que ele está projetando no analisando, o espaço

analítico se abre, tornando-se mais propício a uma conversa analítica. A postura do analista interpretando fecha o espaço da conversa. Esse reconhecimento das suas próprias fantasias desarma a suposição de onisciência do analista (que se torna onipotência quando a interpretação coincide com o que é do outro).

Um último elemento me parece significativo em relação à humildade: o analista não é diretamente continente para o analisando.

Ele o é, ou não o é, para sua própria emocionalidade desencadeada pela relação atualíssima com aquele. Sendo continente adequado à sua emocionalidade e às decorrências dela, pode vir a ser para as de seu analisando. Ser continente do outro, sem previamente ser seu próprio, é como passar cheques sem fundos. (p. 80)

Essas observações relacionadas à diversas modalidades da humildade, que vão, como vimos, das representações da prática da psicanálise à percepção do analisando no presente do encontro, deveriam sempre estar presente em pano de fundo na nossa prática.

2. O espaço interno e seu papel no trabalho analítico

Como vimos na introdução, o tema do espaço é central no texto, tanto na forma como no conteúdo. A própria estrutura lembra o espaço e a organização espacial da casa. Nessa parte, tratarei de diferentes modalidades do espaço. A qualidade e densidade dos espaços internos dos dois protagonistas da relação analítica, o jogo entre interior e exterior, a dialética entre conteúdo e continente, são alguns dos desdobramentos desse tema no texto. O principal ponto é a relação entre espaço interno e dor, espaço interno e alucinação, espaço interno e repetição.

Do ponto de vista individual, a mente é um espaço no qual convivem objetos próprios e objetos introjetados, emoções “suas” e emoções projetadas pelo outro. Avelino cita o conto *Casa tomada* de Cortázar

(1951/2016)⁴ para ilustrar uma tal coabitação, no “mesmo endereço” (p. 75). O trabalho da psicanálise consiste, entre outros, em discernir as emoções do eu das outras. Esse esforço de discriminação é fundamental para o analista.

Dentro do espaço da mente: a dor. A dor é devida à uma quantidade e intensidade de emoções que não têm espaço psíquico suficiente para serem abrigadas. Daí uma pressão muito intensa e “dolorosa” se exerce no psiquismo.

Do ponto de vista da relação, a análise é o encontro de dois espaços, um sendo mais amplo do que o outro. Um espaço maior permite mais pensamentos. Um espaço reduzido não permite conter a dor. A capacidade do analista de tolerar, de conter os conteúdos dolorosos provocados pelo encontro com o analisando permitem que o analisando amplie seu próprio espaço interno.

Associações livres e alucinações *são* espaços: “As associações livres *são um espaço* criado pela pressão das emoções nos limites da mente” (p. 79). Sublinhei o “são”: elas não *estão dentro* de um espaço, elas *são* esse espaço. Forma e conteúdo são uma coisa só. O espaço não preexiste, ele é criado pelas associações livres.

Quando o espaço não é suficiente, quando a pressão das emoções é vivida como forte demais (por exemplo, o analista experimenta uma forte frustração durante a sessão), existe o risco de um deslizamento na posição esquizoparanoide. No caso do analista, o espaço psíquico preenchido pela emoção vivenciada prejudica a atenção flutuante. O analista pode então *reagir* (posição esquizoparanoide). A frustração é experimentada como um ataque, e conseqüentemente ele pode culpar inconscientemente o analisando pela emoção dolorosa. A função analítica reside nesse esforço da passagem para a posição depressiva.

4 *Casa Tomada* é um conto do escritor argentino Júlio Cortázar em 1951. O conto narra a história de Irene e seu irmão, que vivem juntos em uma antiga mansão familiar. A casa, passada de geração em geração, está repleta de memórias. À medida que a história avança, os protagonistas enfrentam uma estranha invasão em seu lar. Ruídos misteriosos e inexplicáveis começam a tomar conta da casa, até que os irmãos se veem obrigados a abandoná-la.

Quanto à alucinação, ela é vista como um “espaço provisório de estocagem daqueles resquícios traumáticos até que possam ser representados por fenômenos oníricos, ou pensamentos-sonhos, tais como as livres associações” (p. 84). A alucinação é também um tipo de espaço, onde se reproduz a intensidade emocional do traumático, uma saturação do tempo que não passa e que, no melhor dos casos, pode evoluir em espaço onírico.

O trabalho com a alucinação é delicado, mas, segundo Avelino, fundamental. Ela pode aparecer no aqui e agora da sessão:

Uma alucinação constante que restou de um trauma e esteve inoperante, embora sempre presente, ganha força em uma situação atual e se manifesta. O que, suponho, se modifica na mente não é a alucinação que ocupa o lugar e mantém o trauma, *mas o espaço que a contém*. Exercerá menos efeito quanto maior for esse espaço e vice-versa. (p. 82)

Em outras palavras, em vez de focar no conteúdo da alucinação, temos que considerar o contexto dessa aparição; não o que surge, mas como surge. Mais uma vez, a distinção entre forma e conteúdo parece limitar nosso trabalho. O contexto dá forma. Dialética. Gestalt.

Para concluir, nossa tarefa é ampliar o espaço na mente do analisando. A emocionalidade sem pensamentos nem associações ocupa todo espaço. Nosso trabalho é promover associações livres, que são espaços formados por imagens e ideias.

3. O tempo que não passa

O presente do encontro analítico contém todos os tempos do nosso desenvolvimento. Desde o desamparo originário, incluindo quantidades de traumas, desejos (que olha para o futuro)... Aqui não é questão de uma busca do tempo perdido, pois “o tempo não passa”. Como diria o autor Pierre Bergounioux: “Temos todas as idades a cada momento” (2009).

Um encontro psicanalítico é e só pode ser algo do presente. Desse modo, todos os objetos internos, ou emoções, estão sendo gerados pela inter-relação atual. Esses objetos internos atualíssimos podem evocar resquícios de situações passadas muito semelhantes – jamais iguais – e induzirem reações da mesma ordem. (p. 75)

Essa citação leva a uma concepção dos objetos internos como sendo vivos (se não fosse o caso, não teria possibilidade de análise). Neto avisa contra o risco de ver no encontro analítico uma repetição idêntica de situações passadas. O passado, atualizado, nunca se repete. As “reações da mesma ordem” nos indicam que tipo de objeto interno o analisando projeta na situação analítica.

O autor continua:

[transferência e contratransferência] têm a ver não só com o presente, mas com o passado histórico sensório-emocional de cada um, não no sentido de que experiências passadas estão sendo revividas, mas, precisamente por não terem passado, são experimentadas como presentes. Não foram esquecidas, no sentido de se tornarem inócuas, mas presentes e inoperantes, até que um dado sensório-emocional atual as reative. (p. 81)

Essa citação acrescenta um elemento já mencionado acima: o contexto – a situação analítica – dá forma aos conteúdos, em busca de forma.

Considerando que o tempo não passa, as “alucinações *nada representam*, mas são, na vivência presente, o momento traumático” (p. 81). Elas são vividas como o momento traumático, sem distância, sem simbolização. As consequências para nossa prática são importantes: devemos ficar atentos a não interpretar o conteúdo das alucinações, mas pensar seu surgimento. O que faz se manifestarem agora? O que importa é o fato de a alucinação estar acontecendo em tal momento da relação. Para trabalhar nessa perspectiva

o psicanalista precisa estar apto a fazer o discernimento daquilo que lhe diz o analisando, se uma lembrança ou uma alucinação presente. Em meu

entender, o que irá sugerir ao analista se está diante de uma ou outra manifestação do analisando será o montante da mobilização sensório-emocional que este estiver vivenciando no momento daquela manifestação. Lembranças tendem a influenciar vivências menos perturbadoras em quem as ouve e as alucinações, mais perturbadoras, mais consistentes. (p. 81)

A atenção do analista às mobilizações contratransferenciais lhe permite sentir (é uma questão de subjetividade) em qual registro o analisando está evoluindo. Essa sensibilidade leva a uma discriminação entre alucinação e alucinose (esta última é percebida como irreal). “Alucinose: alucinação agora percebida por ambos” (p. 85). Essa discriminação dá

ao psicanalisar a consistência que só uma vivência atual – e não memória de vivência, nem desejo de vivenciar – pode propiciar. Ou seja, a alucinose pode ser usada para mais psicanálise; ser transformada em mais psicanálise. (p. 85).

E assim se escreve uma história de trocas entre analista e analisando no consultório/armarinho.

Referências

- Cortázar, J. (2016). Casa tomada. In J. Cortázar, *Bestiário*. Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1951)
- Machado Neto, A. (2008). De algumas coisas que tenho depreendido de minha prática psicanalítica e de uma passagem de sua pré-história. *Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos*, 25/26(1/2), 75-84 (2008).
- Bergounioux, P.; Millet, C. & Petitier, P. (2009). Il nous restait les détails. Entretien avec Pierre Bergounioux, *Écrire l'histoire*, 4, 105-116.
- Merleau-Ponty, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (C. Moura, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945)

Antoine Thibaut

thibaut.antoine8@gmail.com